A morte assusta o sensacionalismo: O jornal *Notícias Populares* encara o fantasma do surgimento da AIDS (1982-1984)

Death Scares Sensationalism: Notícias Populares Newspaper faces AIDS emergence ghost (1982-1984)

Resumo

O presente artigo pretende analisar a cobertura que o jornal *Notícias Populares* realizou sobre o surgimento e a divulgação dos primeiros casos de AIDS, no mundo e no Brasil, durante os anos de 1982, 1983 e 1984. O periódico é possivelmente o maior símbolo do sensacionalismo na imprensa brasileira, porém, diante do surgimento de uma nova e mortal epidemia, o veículo mostrou-se, surpreendentemente, bem mais ponderado de que desesperado, mais respeitoso do que sarcástico, mais comedido do que histérico, matizando e borrando a fronteira entre o jornalismo “sério” e o “sensacional”.

Palavras-chave: História e imprensa; AIDS; Sensacionalismo; Morte; Homossexualidade.

Abstract

The present article intends to analyze the coverage that Brazilian newspaper *Notícias Populares* carried out on the emergence and dissemination of first AIDS cases, in the world and in Brazil, during the years of 1982, 1983 and 1984. The journal is possibly the biggest symbol of sensationalism in the Brazilian press, however, in face of a new and deadly epidemic, the vehicle was surprisingly much more

**Prof. Me. Eduardo
Guilherme Piacsek**

Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Radialista formado pelo SENAC-SP, graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professor particular de História de alunos dos colégios Nossa Senhora das Graças, Morumby, Móbile e Madre Alix.

Email: edusek.clio@gmail.com

thoughtful than desperate, more respectful than sarcastic, more restrained than hysterical, tempering and blurring the frontier between "serious" and "sensational" journalism.

AIDS: A “peste-gay” ataca no NP

“Mistério: Doença Mata Homossexuais” – foi com essa manchete que o jornal *Notícias Populares* abordou pela primeira vez, em 20 de julho de 1982, o surgimento da AIDS¹. A matéria informava que uma “misteriosa enfermidade” havia se manifestado recentemente nos Estados Unidos, causando 200 mortes, noventa por cento delas entre homossexuais e despertava grande preocupação nas autoridades sanitárias norte-americanas.

Essa doença misteriosa surgiu na costa oeste dos Estados Unidos, onde “vários jovens, cujo traço comum era o homossexualismo, morreram de diferentes causas, mas todas originadas por uma ausência de defesas imunológicas do organismo”. Em Nova York, travestis foram contaminados, “o que fez deduzir-se que se tratava de uma doença específica desse grupo de pessoas, mas, posteriormente, a enfermidade manifestou-se em outros indivíduos”.

Por fim, a matéria do NP relata que o jornal *Washington Post* – o qual, no dia anterior, havia dedicado artigo à doença e que provavelmente serviu de fonte para a matéria do periódico

brasileiro – afirmou que a moléstia já havia atacado 471 homens e mulheres em 24 estados americanos e também em outros países. O Centro de Controle de Enfermidades (CDC) estava especialmente preocupado com três elementos: a doença havia sido fatal em quase metade dos casos, não possuía caráter infeccioso, mas de uma afecção “sem precedentes, que destrói os mecanismos de defesa do organismo” além do fato de que não se conseguia, até aquele momento, determinar a origem desse mal que progredia rapidamente.

Nos dias de hoje, segundo relatório da Agência das Nações Unidas de Luta contra a Aids (UNAIDS), cerca de 37 milhões de pessoas vivem com AIDS em todo o mundo (UNAIDS, 2018). Na década de 1980, a sobrevivência de um doente era, em média, de cinco meses. Atualmente, com os avanços no tratamento feito à base de um conjunto de remédios antirretrovirais, essa média subiu para mais de dez anos.

No Brasil, surgem em torno de 36 mil novos casos de AIDS ao ano. Entre 1980 e 2012, foram registrados 656.701 casos da doença no país. Aproximadamente 11.500 brasileiros morrem em decorrência de complicações causadas pelo vírus HIV anualmente. Estima-se que 4,9% dos profissionais do sexo, 5,9% dos usuários de drogas e 10,9% dos HSH (homens que fazem sexo com homens) tenham atualmente a doença no Brasil, ante 0,4% da população em geral (SVS/MS, 2012).

Os primeiros casos clínicos de AIDS foram detectados em maio de 1981, em Los Angeles e São Francisco, EUA, em doentes do sexo masculino e homossexuais. Porém, em análises retrospectivas, a doença já poderia ser identificada em países da África Equatorial, afetando primeiramente símios, a partir de 1960 e, posteriormente, em 1965, atingindo humanos. Ainda que não seja uma opinião unânime entre a comunidade científica, a maioria dos estudiosos defende a noção de que o vírus causador da AIDS efetivamente surgiu no continente africano, originando-se de uma mutação do vírus que afetava os macacos. A passagem do vírus para os humanos provavelmente se

¹ No Brasil, o uso do termo AIDS (*Acquired Immuno-deficiency Syndrome*) para designar a enfermidade que ataca o sistema imunológico deixando o paciente suscetível a uma série de infecções foi empregado, pela primeira vez na grande mídia pelo programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão em 27 de março de 1983 na matéria “Síndrome da Deficiência Imunológica – Epidemia do século” do repórter Hélio Costa. O *Jornal Do Brasil* utilizou o termo pela primeira vez em 21 de abril de 1983 e a Folha de S. Paulo em 3 de junho do mesmo ano (BARATA, 2006, p. 108). Já o *Notícias Populares* utilizou a sigla em português SIDA (síndrome da imunodeficiência adquirida) pela primeira vez em 07 de maio de 1983. Antes dessas datas, a doença era geralmente referida apenas como uma enfermidade nova e misteriosa que atacava principalmente homossexuais.

deu na África Central por manipulação da carne de chimpanzés contaminados e “[...] pelo contato íntimo desses animais com os nativos africanos, quer por arranhaduras ou mordidas, quer pelo hábito dessas populações de ingerir como alimento a carne de macaco mal cozida, contendo em seus tecidos e fluidos (sangue, secreções) o vírus causal da doença” (PINTO et al., 2007, pp. 45-50).

Em julho de 1982, data da primeira referência do NP à AIDS, o mundo não tinha condições de prever as dimensões que a epidemia da doença alcançaria, não sabia ao certo suas causas e formas de contágio e ignorava completamente suas origens. Sem possibilidades de vislumbrar o futuro e de recorrer ao passado, médicos, governantes, jornalistas e a sociedade como um todo estavam totalmente reféns do tempo presente. Como não poderia deixar de ser, a ignorância da comunidade científica sobre a nova doença somada à sua alta taxa de letalidade, contribuíram para que se criasse uma atmosfera de incerteza e de medo que varreu o planeta.

Os homossexuais masculinos foram o primeiro grupo diretamente associado à AIDS. Não só os primeiros casos da doença foram diagnosticados entre esses indivíduos, mas durante os primeiros anos da epidemia esse grupo representava a grande maioria dos infectados².

Mas logo ficou claro que a doença não se restringia a um grupo exclusivo de pessoas. Ainda em 1982, a comunidade científica ampliou esse espectro e classificou a AIDS como a enfermidade dos 5 H, representando os homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroínômanos (usuários de heroína injetável) e *hookers* (nome em inglês dado às profissionais do sexo) (MS, [s. d.]). Porém, levou certo tempo para que homens heterossexuais, mulheres, crianças e idosos também passassem a ser atingidos por

essa enfermidade em número expressivo e evidenciar que não existiam grupos de risco e sim comportamentos arriscados e que facilitavam o contágio da doença.

A AIDS foi a primeira grande epidemia a se desenvolver em um mundo conectado pelos meios de comunicação de massa, o que aumentou ainda mais a sensação de que a doença se espalhava em grande velocidade. O primeiro país a noticiar o surgimento da AIDS foram os Estados Unidos, em 1981, rapidamente seguido pelo Haiti, França, Canadá, Inglaterra até chegar ao Brasil, em 1982 (BARATA, 2006, p. 38).

Depois de sua primeira matéria sobre a AIDS feita em julho de 1982, o *Notícias Populares* demorou vários meses para retornar ao tema. Em 04 de maio de 1983, uma chamada no alto da capa do jornal alertava: “Gays proibidos de doar sangue”. A matéria, situada na página 3 do jornal, possuía apenas um parágrafo isolado dentro de um box no canto superior direito da página e dizia:

Preocupados com uma esquisita enfermidade que ataca os homossexuais fazendo-os padecer de febre, perda de peso, diarreia, tumor maligno, que termina levando-os à morte, os médicos ingleses e as autoridades sanitárias da Inglaterra estão estudando suspender todas as transfusões de sangue da turma gay. Os técnicos se referem à síndrome de deficiência imunológica que afeta os homossexuais. Para evitar essa propagação acham que o melhor mesmo é suspender as transfusões com sangue gay. O alarme provém do fato de mais de 100 gays já terem morrido, nos Estados Unidos, com essa doença³.

Alguns elementos chamam a atenção nesta matéria que marca a retomada da abordagem da AIDS pelo NP. É flagrante a desproporção entre a manchete de capa e o tamanho da matéria no jornal. Além disso, o leitor precisaria ler

2 No início da epidemia, o segmento populacional constituído dos homens que fazem sexo com outros homens — homossexuais e bissexuais — foi o mais atingido. No ano de 1984, 71% dos casos notificados eram referentes a homossexuais e bissexuais masculinos (BRITO et al., 2001).

3 Gays proibidos de doar sangue. *Notícias Populares*, São Paulo, 04/05/1983, p. 3.

a matéria para saber que se tratava de uma medida a ser aplicada, eventualmente, não no Brasil, mas na Inglaterra. Não há dúvidas que temos aí um típico recurso da imprensa sensacionalista que busca “fiscar” a atenção de seu leitor com uma chamada de impacto.

Por outro lado, o jornal noticia que as autoridades sanitárias da Inglaterra, com vistas à contenção de uma misteriosa enfermidade que ataca homossexuais, estariam estudando suspender as transfusões com “sangue gay”. A utilização desse qualificativo denota, à primeira vista, uma atitude de segregação em relação aos homossexuais por parte do jornal.

No entanto, é preciso salientar que quem estava, efetivamente, fazendo uma distinção entre o sangue de homossexuais e o de heterossexuais eram, não os jornalistas do *NP*, mas as autoridades sanitárias inglesas que cogitavam proibir gays de doar sangue. Ao jornal brasileiro coube unicamente o peso de ter cunhado para a matéria o termo “sangue gay” que é, sem dúvida, preconceituoso, mas espelha a distinção feita por autoridades médico-científicas de um dos mais avançados países do mundo e evidencia o quão iniciais eram os estágios de conhecimento acerca das formas de contágio da doença.

Como veremos, notícias como essas, que mesclaram recursos sensacionalistas empregados pelo jornal com a limitação do conhecimento de cientistas e de membros da grande imprensa brasileira e mundial davam a tônica das informações que chegavam ao leitor do *Notícias Populares*.

Já no dia seguinte ao anúncio da intenção das autoridades inglesas de proibir a doação de sangue por homossexuais, uma notícia muito mais relevante acerca da doença era revelada: “Descoberto o vírus que mata os gays”. Essa matéria, creditada à agência de notícias *France Press* (AFP) de Paris, anunciava que em pesquisas paralelas e coincidentes com a do professor Robert Gallo nos Estados Unidos, cientistas do instituto *Pasteur* da capital francesa haviam descoberto um vírus “que

provavelmente é o agente responsável pela síndrome de deficiência imunológica adquirida (sida), uma doença nova, desconhecida e que ataca quase que exclusivamente os homossexuais masculinos”⁴.

A matéria ainda alertava que, dada à repercussão desse fato, algumas seitas religiosas norte-americanas haviam lançado uma campanha de “inusitada violência contra os homossexuais, cujo lema principal é de que a síndrome é uma ‘vingança divina’”. A notícia termina relatando os principais sintomas da doença, tais como perda de peso, febre, dores generalizadas e o surgimento de diversas infecções e até, em casos mais graves, o desenvolvimento do Sarcoma de Kaposi, um câncer na pele que pode afetar o tubo digestivo, e avisando que o sintoma principal da doença é a perda da capacidade do ser humano de se defender de infecções, o que levaria 30% dos casos à morte⁵.

Temos de observar novamente que a manchete “Descoberto o vírus que mata os gays” pode, novamente, soar preconceituosa, mas ela reflete, basicamente, os dados que se tinham até o momento, dada a alta prevalência da moléstia entre homossexuais masculinos que se observava naquele estágio do desenvolvimento da epidemia. Aliás, é preciso assinalar que, sob o título impactante da notícia, encontra-se um texto cuja fonte é uma renomada agência de notícias francesa. Nele, a doença já é classificada como uma síndrome de deficiência imunológica adquirida (sida) e são citadas pesquisas de cientistas que permanecem até hoje como referências no estudo do mal.

Ao chamar a atenção para a campanha de violência que religiosos norte-americanos haviam lançado contra homossexuais, a matéria também jogava luz à tendência de se estigmatizar os portadores do vírus da AIDS, associando a doença a um comportamento irresponsável e desviante por parte do doente chegando

4 Descoberto o vírus que mata os gays. *Notícias Populares*, São Paulo, 07/05/1983. p. 3.

5 Descoberto o vírus que mata os gays. *Notícias Populares*, São Paulo, 07/05/1983. p. 3.

até a lhe atribuir um caráter de vingança sobrenatural. Esse fenômeno, que também seria observado no Brasil, surgiu primeiramente nos Estados Unidos. É o que aponta Susan Sontag em relação à forma de contágio da AIDS.

A transmissão sexual da doença, encarada pela maioria das pessoas como uma calamidade da qual a própria vítima é culpada, é mais censurada do que a de outras particularmente porque a AIDS é vista como uma doença causada não apenas pelos excessos sexuais, mas também pela perversão sexual. [...] Uma doença infecciosa cuja principal forma de transmissão é sexual necessariamente expõe mais ao perigo aqueles que são sexualmente mais ativos – e torna-se fácil encará-la como um castigo dirigido àquela atividade (SONTAG, 1988, p. 32).

Doze dias após o anúncio da provável descoberta do agente causador da AIDS, *Notícias Populares* voltou ao tema com a manchete “Peste-Gay ataca crianças”, em 19 de maio de 1983. Era a primeira vez que o jornal se referia à doença dessa maneira. Daí em diante e durante os próximos dois anos, a publicação usou sistematicamente esse qualificativo para se referir à doença⁶ em suas manchetes. Os termos AIDS ou SIDA também eram empregados, mas apenas nos textos das matérias.

Interessante é que o jornal revela a origem do qualificativo. Mais uma vez tendo a agência *France Press* como fonte, o *NP* noticiava que uma doença com o nome de SIDA “e que alguns jornais norte-americanos chamam de ‘Peste Homossexual’ vem se propagando de forma alarmante nos Estados Unidos, sendo mortal na maioria dos casos”⁷. Logo, a terminologia “Peste-gay” que notabilizou a campanha do *NP* acerca da doença não foi uma invenção do jornal. Como aponta Trevor Cullen:

In summary, academic debate surrounding the rhetoric used to report HIV/AIDS in the late 1980s and early 1990s claims that the Western press initially framed and constructed HIV/AIDS as a disease of deviance mainly restricted to ‘gays’ and that this misinformation was reinforced with the use of negative language and images, most notably the constant use of the ‘gay plague’ metaphor which suggested that both homosexuality and homosexuals were the cause of HIV/AIDS. This social construction of the disease left a lasting impression. Many still view HIV/AIDS as a predominantly gay-related disease (CULLEN, 2003, pp. 64-82).

É evidente que o uso do termo “peste-gay” não é inócuo e traz em si o preconceito e a estigmatização de um grupo social, porém, é importante salientar que essa não foi uma bandeira levantada pelo *Notícias Populares*. É mais adequado observar que o jornal brasileiro reverbera um sentimento presente em boa parte da imprensa ocidental e da comunidade científica acerca da doença naqueles tempos. Apenas para citar dois exemplos, seis meses após os ingleses, o Centro Nacional Sueco de Transfusão de sangue apelou para que os homossexuais do país não doassem sangue⁸. Em matéria de 12 de junho de 1983, o médico brasileiro Nelson Figueiredo Mendes afirmava, referindo-se à AIDS, que a:

Doença surge entre os gays devido à promiscuidade sexual. Acreditamos que o agente causador esteja localizado no sangue. Pesquisas realizadas nos Estados Unidos indicam que o alto índice de contaminação deve-se provavelmente ao fato da mucosa do reto não ter proteção com anticorpos⁹.

6 “Vírus-gay” também foi empregado em chamadas publicadas no final de maio e primeira quinzena de junho de 1983 para se referir à AIDS, mas foi logo preterido pelo uso do termo “peste”.

7 Peste-Gay ataca crianças. **Notícias Populares**, São Paulo, 19/05/1983, p. 3.

8 Peste-Gay já matou 10 em São Paulo. **Notícias Populares**, São Paulo, 09/11/1983, p. 3.

9 Peste-Gay Apavora Homossexuais. **Notícias Populares**, São Paulo, 12/06/1983, p. 3.

Outro fator que ajuda a matizar a atuação de *Notícias Populares* na cobertura da AIDS é o de que, além de ter importado o termo “peste-gay”, o *NP* também recebeu de países estrangeiros, através de agências de notícias, praticamente metade das matérias que publicou sobre o assunto no período analisado. Das 64 notícias publicadas entre 1982 e 1984 sobre a AIDS no jornal, 29 foram creditadas a grupos internacionais, sendo 13 da Agência France Press (AFP), 10 da *United Press International* (UPI), cinco da *Associated Press* (AP) e uma do jornal *Washington Post* (WP). Somadas a três matérias provenientes das sucursais da *Folha de São Paulo* e duas da Agência *Jornal do Brasil*, veremos que 53% do conteúdo sobre AIDS do *Notícias Populares* provieram diretamente de fontes externas à publicação e que gozavam de grande credibilidade à época.

É importante salientar também que o jornal não publicou nenhuma foto de um doente ou vítima de AIDS, mesmo quando noticiava a morte de algum paciente de maior notoriedade e nem sequer de pessoas que sofressem de alguns dos sintomas mais comuns da doença, tal como o Sarcoma de Kaposi, descrito em várias ocasiões como uma das mais graves manifestações características da AIDS.

A Epidemia Faz Suas Primeiras Baixas

A primeira vítima brasileira da AIDS de nome noticiada pelo *NP* foi o costureiro Marcus Vinícius Resende Gonçalves, conhecido como Markito e que residia em Nova York. A matéria não é creditada a nenhuma agência de notícias ou sucursal da *Folha de S. Paulo*. Contrariando a tendência de culpabilização e de julgamentos morais presentes, como vimos, em amplos setores da imprensa ocidental, a notícia do *NP*, malgrado o uso dos termos “peste gay” e “câncer gay”, prima pelo caráter laudatório dado ao falecido. Depois de informar que o costureiro havia falecido da doença da qual sofria há cerca de seis meses, que sua mãe já

havia providenciado o traslado do corpo e de que Markito, cuja morte fora homenageada em uma boate gay de São Paulo, havia manifestado o desejo de morrer no Brasil, o jornal lhe dedicou um pequeno obituário:

“Uma família mineira com um filho costureiro?!”. Essa foi a indagação feita por todos os familiares de Markito, pai, 16 tios e cerca de 100 primos, quando o rapaz revelou sua intenção, em Uberaba, de ser costureiro em São Paulo.

A primeira reação da família mineira foi mandar Marcus Vinícius Resende Gonçalves a um psiquiatra, mas este, ao invés de desencorajar o jovem talento, aliou-se a ele e o resultado foi o embarque de Markito, com uma mala cheia de suas criações, abençoado, para São Paulo.

Nascido numa fazenda de Uberaba, aonde depois de vitorioso no mundo da alta costura ele voltava sempre, Markito já desenhava vestidos desde os tempos do grupo escolar e fez as fantasias de uma escola de samba da cidade. Quando chegou a São Paulo, começou logo a trabalhar na oficina de costura de uma boutique. Tinha então 18 anos. Pouco tempo depois montava seu próprio atelier. Aos 31 anos, idade em que morreu, era considerado um rival a altura de Clodovil e Guilherme Guimarães. Vestiu Simone, Gal Costa, Sônia Braga, Christiane Torloni, entre outras¹⁰.

Para o *Notícias Populares*, a primeira vítima brasileira de AIDS é um profissional de sucesso, talentoso e abençoado por sua família. Sua sexualidade e seu comportamento não são postos em questão e a doença fica em segundo plano, eclipsada pela trajetória vitoriosa do jovem costureiro. Essa descrição não condiz com a severidade moral que se atribuiu ao tratamento da AIDS observado na imprensa de uma forma geral e fica ainda mais realçada se tivermos em vista que o *NP* é tido como um dos maiores símbolos da imprensa sensacionalista brasileira.

¹⁰ Markito Morre de Peste Gay. *Notícias Populares*. São Paulo, 06/12/1983. p. 10.

A divulgação pelo *NP* da morte da primeira vítima brasileira da AIDS que não desfrutava de fama também pode ser considerada respeitosa para com o falecido e seus parentes, embora, como de praxe, se refira à doença, em sua manchete, como “peste-gay”. O jornal atende ao pedido da família e mantém o anonimato do paciente, limitando-se a divulgar apenas suas iniciais, idade e profissão.

Parentes do aeronauta M. M., de 31 anos, revelaram ontem em São Paulo que seu falecimento, em fevereiro, foi provocado pela desconhecida e misteriosa Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida (Aids). [...] familiares de M.M., cujo nome por inteiro solicitaram não fosse revelado, decidiram revelar que antes de Markito já tinha sido registrado no Brasil outra vítima do chamado “mal do século” ou a “mais terrível das doenças”. Uma irmã de M. M., que é funcionária pública e também solicitou que seu nome não fosse citado, afirmou que a decisão de revelar o óbito de M. M. foi tomada pela família para alertar as autoridades responsáveis pela saúde pública no País para a dimensão que já toma a Síndrome de Deficiência Imunológica no Brasil¹¹.

A segunda e última parte da matéria, sob o intertítulo “É muitas vezes pior que o câncer”, traz o relato da irmã de M. M. sobre o aparecimento e desenvolvimento de sua doença que, segundo o *NP*, é vulgarmente conhecida nos Estados Unidos como “doença dos homossexuais” ou “praga gay”. O final de seu depoimento traz um alerta aos homossexuais: “Estou apavorada. Nunca vi coisa tão horrível. É uma doença dolorosa, pior que o câncer. Acho que os homossexuais devem parar para pensar e se possível, evitar promiscuidade”. O jornal chancela o apelo da irmã de M. M. com base no discurso científico:

Segundo médicos e cientistas norte-americanos, a troca constante de parceiros entre homossexuais, uso frequente de drogas de “recreação” ou “pesadas”,

má alimentação e as doenças venéreas se constituem em fatores que predis põem as pessoas à Aids.

Segundo L. M., seu irmão tinha consciência de que havia adquirido a Aids, uma vez que em suas viagens aos Estados Unidos mantinha contato com comunidades homossexuais¹².

O *Notícias Populares* não usa adjetivos para classificar a conduta, os hábitos ou a identidade sexual de M. M. O alerta contra a promiscuidade entre homossexuais vem da irmã da vítima e é apoiado no discurso de médicos e cientistas. A linguagem empregada no texto é sóbria, sem gírias, ironias ou sarcasmo. Não existem fotos ilustrando a notícia. Ao contrário do que acontecia frequentemente em matérias policiais do *Notícias Populares*, a vítima não tem em sua homossexualidade o caráter definidor de sua personalidade. Não é o homossexual M. M. que morre de Aids e sim o aeronauta M. M. que falece da Síndrome. É a própria irmã da vítima que menciona o “contato com comunidades homossexuais” realizado nos Estados Unidos pelo aeronauta.

Afinal, o que é verdade e o que é sensacional?

A cobertura sobre o aparecimento da AIDS feita por *Notícias Populares* acaba por contrariar, em grande medida, o receituário clássico da produção jornalística sensacionalista. Segundo Danilo Angrimani:

Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção do noticiário que extrapola o real, superdimensiona o fato (ANGRIMANI, 1995, p. 16).

¹¹ Peste-Gay mata o terceiro brasileiro. *Notícias Populares*, São Paulo, 14/06/1983. p. 3.

¹² Peste-Gay mata o terceiro brasileiro. *Notícias Populares*, São Paulo, 14/06/1983. p. 3.

Já para Rosa Nívea Pedroso, a produção jornalística sensacionalista tem como algumas de suas principais características a intensificação, o exagero e a heterogeneidade gráfica; a ambivalência linguístico-semântica, que produz o efeito de informar através da não identificação imediata da mensagem; a valorização da emoção em detrimento da informação; a exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional; a produção discursiva sempre trágica, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica (PEDROSO, 2001).

A ausência de praticamente todos esses elementos na cobertura do *NP* sobre o surgimento da AIDS e da morte de suas primeiras vítimas, em uma epidemia de uma doença mortal e de alcance mundial, nos leva a questionar a clareza das fronteiras que separam o jornalismo tido como sério, do realizado por veículos normalmente associados às práticas sensacionalistas da imprensa popular, bem como a noção de que se possa ter, dentro da indústria cultural, de um padrão ideal e modelo de imprensa.

Diz-se, normalmente, que os produtos jornalísticos populares distorcem os fatos. Ora, se é possível distorcê-los, pressupõe-se que haja uma maneira certa de narrá-los, concepção muito ligada à noção da notícia como espelho dos fatos. Muitas vezes, chega-se a cobrar que as notícias tenham exatamente o mesmo formato das publicadas num jornal de referência. Muitas críticas aos exageros e às distorções da imprensa popular, pertinentes do ponto de vista ético, caem no outro extremo de imaginar possível uma notícia límpida que faça os fatos transparecerem tal como aconteceram. Ora, as notícias não emergem naturalmente do mundo real para o papel, não são simplesmente o reflexo do que acontece. São redigidas a partir de formas narrativas, pautadas por símbolos, estereótipos, frases feitas, metáforas e imagens (AMARAL, 2005).

Em princípios dos anos 1980, o mundo estava diante de um quadro de enormes receios e incertezas trazidos pelo aparecimento da AIDS. A comunidade científica corria desorientada e sem sucesso atrás de respostas que pudessem controlar e acalmar a situação. Agências de notícias e grandes jornais ao redor do mundo espalhavam, junto de suas informações, muitas vezes desconhecidas e fragilmente estruturadas, o pavor em relação ao desconhecido.

Analizando retrospectivamente esse contexto, a cobertura de *Notícias Populares* sobre esses acontecimentos foi, ao contrário do que projeta o senso comum, razoavelmente contida e sóbria. Afinal, diante de uma realidade com elementos que tangenciavam a histeria coletiva, *Notícias Populares*, em grande medida, muito mais reverberou que amplificou o medo e as incertezas que já estavam presentes na sociedade de uma forma geral e nas autoridades de governos e membros do meio acadêmico-científico em particular.

Como vimos, se por um lado o jornal qualificou a doença como a “Peste-gay” e estampou essa designação por diversas vezes em sua capa e manchetes, contribuindo, sem dúvida, para a estigmatização deste grupo, por outro, o *NP* não foi o autor do termo e teve a companhia de veículos de comunicação de diversos países da imprensa ocidental em seu uso.

Outros veículos brasileiros, mesmo que não se valessem exatamente do termo “Peste-gay”, também utilizaram linguagem que, a um só tempo, denotava e reforçava a enorme apreensão causada pela doença. Apenas alguns exemplos de manchetes ou trechos de jornais da época: “AIDS a peste do século XX, doença chega ao Brasil e alarma a comunidade gay” do *Correio Braziliense* de 17 de junho de 1983; “Em Nova York, uma doença incurável se alastra de forma assustadora, está gerando a quase histeria” de *O Globo* de 21/06/1983; “Síndrome gay deixa Europa amedrontada” do *Correio Braziliense* de 21/07/1983; “A ‘peste rosa’ chegou à Argentina onde dois homossexuais morreram” de *A Tarde* de 01/09/1983 (CARMO, 2011, p. 384).

Ao veicular uma porcentagem considerável de matérias sobre a AIDS produzidas por agências internacionais de notícias, o *NP* optou por explicar, tanto quanto era possível, o assunto seriamente em detrimento da mera especulação, da invenção ou da chacota. Quando não era esse o caso e o *Notícias Populares* realizava sua própria cobertura sobre a doença, em diversas ocasiões, teve uma conduta que primou muito mais pela ponderação do que pelo incitamento ao preconceito, ao pânico, ou à condenação de práticas homossexuais.

São mostras dessa atitude a preservação da identidade de doentes anônimos, o respeito por vítimas famosas da AIDS e a até mesmo a divulgação da fala de militantes homossexuais acerca da doença, como foi o caso de Luiz Carlos (Cacá) que havia pertencido aos grupos *Somos* e *Outra Coisa* e que se manifestou em *Notícias Populares* em matéria de 13 de junho de 1983:

A doença está sendo vendida como sendo de homossexuais, porque os primeiros casos aparecidos nos Estados Unidos foram em homossexuais. Mas ninguém até hoje se preocupou em pesquisar a doença em outros segmentos sociais e existe um grande preconceito, sobretudo na classe médica, para enfrentar a questão¹³.

No que o jornal, logo na sequência, assente:

Na verdade, informações divulgadas por publicações especializadas dos Estados Unidos e Europa mostram que a síndrome de deficiência imunológica foi detectada não somente entre os homossexuais, mas também em pessoas que fazem uso de drogas intravenosas, bissexuais, hemofílicos, haitianos e crianças cujos pais pertenceram a esses segmentos antes relacionados [...] Na realidade, as pesquisas feitas até o momento não chegaram a conclusões e tudo o que se afirma de definitivo sobre esse terrível mal não passa de precipitação. Quanto à origem, alguns cientistas consideram que o provável vírus

é transmitido pelo sêmen. Esse vírus não encontraria anticorpos no reto e é então lançado na corrente humana. Há outros cientistas que acreditam que a transmissão se dá através das fezes. Enfim, não há nada de definitivo e as autoridades envolvidas nas pesquisas preferem afirmar que ainda não conseguiram sequer arranhar a superfície do problema¹⁴.

Essa mesma matéria também reproduziu declarações do antropólogo Edward McRae, autor do livro *O que é homossexualidade* e do jornalista Antonio Carlos Tosta, membro do grupo *Outra Coisa* de defesa dos direitos dos homossexuais. McRae lembrou que desde o século passado o “homossexualismo era tratado como uma doença” e que no caso da AIDS essa era outra “maneira de associar o homossexualismo à outra doença”¹⁵ e Tosta cobrou mais critério por parte dos jornalistas, uma vez que considerou “sensacionalista e preconceituosa algumas divulgações feitas pela imprensa sobre a deficiência, que recebeu o nome de ‘peste-gay’”. Tosta finalizou afirmando que “os profissionais de imprensa devem pesquisar muito antes de divulgar alguma coisa que possa contribuir para reforçar o preconceito existente”¹⁶.

A cobertura do *NP* também procurava manter-se atualizada sobre os avanços, tanto científicos, como da própria epidemia. Da mesma forma que a descoberta de novos casos da doença era anunciada com alarde, a possibilidade de que o uso de alguma droga farmacêutica pudesse barrar o avanço da doença também foi veiculada por diversas vezes com grande destaque. Acreditava-se que o Interferon, proteína animal estimulante do sistema imunológico, fosse capaz de reequilibrar as defesas de pacientes da AIDS¹⁷.

13 Peste-Gay tem mais duas vítimas em São Paulo. **Notícias Populares**, São Paulo, 13/06/1983. p. 3.

14 Peste-Gay tem mais duas vítimas em São Paulo. **Notícias Populares**, São Paulo, 13/06/1983. p. 3.

15 Peste-Gay tem mais duas vítimas em São Paulo. **Notícias Populares**, São Paulo, 13/06/1983. p. 3.

16 Peste-Gay tem mais duas vítimas em São Paulo. **Notícias Populares**, São Paulo, 13/06/1983. p. 3.

17 HC tem arma contra a Peste-Gay. **Notícias Populares**, São Paulo, 04/11/1983. p. 3.

Até mesmo a cura da doença chegou a ser anunciada. Em matéria creditada à agência UPI, o médico M. H. Grieco da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, as drogas indometacina e cimetidina estariam sendo testadas com sucesso em pacientes de AIDS, aumentando suas respostas imunológicas¹⁸. Essas notícias, no entanto, eram contrabalançadas com seguidos anúncios do aumento do número de casos, inclusive entre heterossexuais e crianças¹⁹, e de notícias em que médicos asseguravam que ainda não havia um “remédio adequado para esta infecção”²⁰.

Exceção que confirma a regra

Certamente a nota mais dissonante das referências em relação à AIDS no *Notícias Populares* durante os primeiros anos desde a descoberta da doença coube à jornalista Sonia Abrão, responsável pela coluna “TVENENOS” dedicada à cobertura do mundo artístico, na qual eram divulgados os bastidores de telenovelas, além de fofocas sobre cantores, atores e modelos. Atualmente contratada da RedeTV, Sonia passou por diversos veículos de comunicação além do *Notícias Populares*. Ela trabalhou, entre outros locais, nas revistas *Contigo* e *Amiga* e no jornal *Diário de S. Paulo*, sempre cobrindo a editoria de Variedades. Sua coluna no *NP* era ilustrada com uma foto da personalidade em questão, ela abria o segundo caderno do jornal, ocupava o topo da página e funcionava como o principal chamariz desta metade da publicação.

Em 03 de março de 1984, Sonia noticiava, sob a linha fina “Pânico ao saber o diagnóstico” que a “Peste gay ameaça ator Ricardo Blat”.

18 Médico Anuncia a cura da Peste-Gay. **Notícias Populares**, São Paulo, 25/08/1983. p. 3.

19 Sangue da peste-gay mata criancinhas. **Notícias Populares**, São Paulo, 02/09/1983. p. 3.; Mais 9 morrem vítimas da peste-gay. **Notícias Populares**, São Paulo, 21/09/1983. p. 3.; Freira Morre vítima da Peste-gay. **Notícias Populares**, São Paulo, 26/09/1983. p. 3.; Peste-gay causa a morte de uma mulher. **Notícias Populares**, São Paulo, 11/10/1983. p. 3.

20 3 mil vítimas da terrível peste-gay. **Notícias Populares**, São Paulo, 29/11/1983. p. 3.

O ator Ricardo Blat conhecido por sua atuação em teatro e TV (onde participou de novelas em todas as emissoras), viajou do Rio para São Paulo, na última quinta-feira a fim de submeter-se a delicados exames médicos por aqui. Na verdade, seu diagnóstico está praticamente confirmado: AIDS, a síndrome imunológica que ataca preferencialmente os homossexuais e é popularmente chamada de “peste gay”. Blat encontra-se nas mãos dos médicos do Hospital Heliópolis, no bairro do Ipiranga e vem fazendo todos os tipos de exame desde fevereiro, quando começaram as suspeitas. Ricardo, por sinal, ficou por demais abalado quando soube da desconfiança dos médicos, que estão fazendo de tudo para controlar o estado de saúde do moço. Tá contado! (S. A.)²¹.

O uso da foto de Blat, um pretenso paciente de AIDS que estampava a notícia, destoava da cobertura que o *NP* vinha fazendo da doença até aquele momento, totalmente livre de imagens. A própria suposição de que uma pessoa que não estivesse muito doente, isolado e afastado de suas atividades profissionais ou mesmo já falecido, tivesse sido infectado pelo vírus causador da moléstia não fazia parte das notícias veiculadas pelo *Notícias Populares*, que se ocupava apenas em anunciar casos confirmados da doença registrados pelos órgãos de saúde pública, ou divulgados por familiares das vítimas.

Era muito raro que doentes de AIDS assumissem que estavam infectados. A doença carregava um enorme estigma. Um indivíduo “aidético” era, efetivamente, visto como o portador de uma peste, uma pessoa condenada à morte e que poderia condenar também quem com ela tivesse contato. A falta de clareza em relação às suas formas de contágio trouxe o receio de que até mesmo um aperto de mão pudesse transmitir a AIDS. Campanhas governamentais de esclarecimento à população só começaram a ser veiculadas em 1986 e mesmo

21 ABRÃO, S. Peste gay ameaça ator Ricardo Blat. **Notícias Populares**, São Paulo, 03/03/1984. p. 9.

estas primeiras falharam no intuito de diminuir o medo e o receio em relação à doença e na diminuição do estigma de seus portadores (CARVALHO, 2008, pp. 20-36).

A primeira campanha nacional de informação sobre a aids foi veiculada na televisão com a participação de atristas e de profissionais da saúde, dando início a um trabalho radical para o combate à epidemia: tratava-se de prevenir informando. Mas as campanhas também contribuíram para aumentar o pânico. [...] No período em análise, a política nacional contra a aids cometeu um grande equívoco ao direcionar a campanha de esclarecimento à população com o objetivo de sensibilizar, pelo medo, os indivíduos não afetados. Para estimular atitudes e práticas seguras entre os não infectados, a campanha servia-se de uma ameaça: “A aids mata”. Desse modo, ela retirava toda a esperança das pessoas infectadas (CARVALHO, 2008, p. 387).

Além disso, a associação direta entre AIDS e homossexualidade masculina fazia com que os homens infectados tivessem de assumir essa identidade, fossem ou não homossexuais.

A reação de Ricardo Blat, no entanto, não tardou. No dia 12 de março de 1984 Sonia Abrão voltou ao assunto na coluna “Blat jura que ameaça de Aids é hepatite”.

O ator Ricardo Blat está garantindo que os exames a que se submeteu no Hospital Heliópolis, no Ipiranga, não tiveram a ver com suspeita de Aids, doença popularmente chamada de “peste-gay”, e sim com o controle da hepatite de que foi vítima no final do ano passado. E estamos sabendo que deu entrevistas, a serem publicadas no decorrer desta semana, classificando nossa informação de “mentira calhorda” e “coisa de irresponsáveis”. De nossa parte podemos garantir o seguinte: a notícia sobre a ameaça de aids sofrida por ele, e publicada no último dia 4, neste mesmo batallado espaço, é absolutamente verdadeira, tendo surgido exatamente dos

exames para controle de hepatite a que se submeteu. Se o próprio Blat não teve acesso a essa informação, nós tivemos e de fonte das mais seguras, pois nos foi fornecida por um médico do próprio hospital, digno do maior respeito e confiança pela sua notória seriedade profissional. Só não damos o seu nome porque temos o direito e o dever de preservar nossas fontes. Portanto, não se trata de nenhuma “mentira calhorda”, mesmo porque em momento algum afirmamos que o autor era portador da doença, mas sim que havia suspeitas sobre o fato. Além disso, ninguém dá uma informação desse tipo com a intenção de prejudicar um artista ou causar sensacionalismo barato, fruto da irresponsabilidade, mas sim por pura obrigação profissional (realmente desagradável em casos como este) e sempre com base unicamente na verdade do acontecimento. Se Blat ficou preocupado em ser visto como “gay” pelo público, devido à suspeita da doença, deu mostras do mais puro preconceito contra homossexuais, pois já foram registrados casos de aids inclusive em crianças. Tá falado! (Sonia Abrão)²².

Fica evidente o tom defensivo desta segunda coluna. O termo “peste-gay” sai da manchete e dá lugar à AIDS. A colunista procura demonstrar segurança e dá a entender que sabe mais do estado de saúde do ator do que ele mesmo. O título da coluna anterior “Peste-gay ameaça ator Ricardo Blat” está no limite da ambiguidade e não deixa claro que se trata de uma suspeita da doença, como a colunista faz questão de afirmar.

Adicionalmente, sabendo-se que uma suspeita é algo que pode ou não se confirmar, fica a questão de qual a relevância jornalística em se noticiar uma desconfiança. Por fim, a colunista procura sair da situação adversa em que se encontra passando para o ataque pessoal. Ela tacha o ator, que contesta veementemente suas informações, de preconceituoso por estar “preocupado em ser visto como ‘gay’”, uma vez

22 ABRÃO, S. Blat jura que ameaça de Aids é hepatite. **Notícias Populares**, São Paulo, 12/03/1984. p. 9.

que já haviam sido registrados casos de “aids” (mais uma vez não é usado o termo “peste-gay”) em crianças. Os esforços de Sonia, contudo, não foram suficientes e o jornal se viu obrigado a recuar e publicar, na coluna de Sonia, não somente um, mas dois desmentidos sobre o assunto. O primeiro deles, no dia 13 de março, revela os desdobramentos do embate entre a jornalista e o ator:

A respeito da notícia publicada neste jornal, na edição do dia 3 de março passado, com o título “Peste Gay Ameaça Ator Ricardo Blat”, esteve em nossa redação seu advogado, Jorge Roberto Naum, munido de documentos médicos que comprovam que o artista esteve com hepatite e que passa bem, necessitando, no momento, apenas de mais um período de repouso, para que possa finalmente voltar as suas atividades artísticas, interrompidas pela doença. O atestado médico do ator, assinado pelo dr. Carlos Mello de Capitani diz, em sua íntegra: “Declaro para todos os fins e efeitos de direito que meu cliente, Ricardo Blat, está sendo assistido por mim, desde meados de setembro de 1983, tendo como diagnóstico, nessa época, hepatite viral; atualmente, considerado curado, porém necessitando, ainda, exames periódicos para controle, mensais. Não é, ainda, o meu paciente, portador de qualquer outra patologia infectocontagiosa”²³.

O advogado do ator não ficou inteiramente satisfeito com o conteúdo da notícia, tanto que, no dia 15 de março, outro desmentido é publicado. Este é mais enfático em negar as informações que haviam sido dadas por Sonia Abrão – sob o título “Blat não teve ameaça de Peste-gay”. A nota publica a íntegra de uma carta redigida pelo advogado de Blat, que reproduz o trecho da coluna em que Sonia Abrão afirmou que o diagnóstico do ator estava praticamente confirmado, e se tratava de AIDS “a doença que ataca preferencialmente os homossexuais” para, em seguida, afirmar que:

Com efeito, tal notícia não é verdadeira. Apresenta [o ator], nesta oportunidade, declaração passada por seu médico, dr. Carlos Mello de Capitani, pela qual se atesta que o ator Ricardo Blat não é portador de qualquer patologia infectocontagiosa, muito menos o apontado “Aids”. Também não menos inverídica a notícia que “... estaria fazendo todos os tipos de exame desde fevereiro...”. O meu constituinte, efetuou e continua a efetuar, unicamente, mês a mês, periódicos exames de sangue, em vistas de uma “hepatite viral” que o acometeu em meados de setembro de 1983 e da qual já está curado, conforme atestam a mesma declaração e os exames laboratoriais²⁴.

Sonia Abrão não voltou mais ao assunto em sua coluna. O ator Ricardo Blat está hoje com 67 anos e, desde 1983, participou de diversos filmes, novelas e minisséries de televisão. Entre os títulos estão a novela *Deus Salve o Rei* da Rede Globo de Televisão, levada ao ar entre janeiro e julho de 2018 e o filme *Carandiru*, dirigido por Hector Babenco em 2003. Curiosamente, Blat também participou da minissérie *O Portador*, de 1991. Os oito capítulos da história dirigida por Herval Rossano tratavam do drama do personagem Léo (Jayme Periard), infectado pelo vírus HIV em uma transfusão e que buscava descobrir de quem era o sangue que o contaminou (MEMÓRIA GLOBO, [s. d.]).

Evidentemente, que a jornalista Sonia Abrão e suas fontes estavam equivocadas. Porém, se por um lado a colunista fez algo condenável do ponto de vista ético, ou seja, publicou e insistiu que uma pessoa estivesse sob a “ameaça” de uma doença mortal e estigmatizante, o que, afinal, não se confirmou, por outro o jornal *Notícia Populares* cedeu rapidamente espaço para resposta do ofendido. Fica claro que a iniciativa do jornal em se retratar evitou consequências mais danosas do ponto de vista financeiro, uma vez que o ator tinha totais condições de provar, em uma ação judicial reparatória, que não estava

23 Blat se cura da hepatite. **Notícias Populares**, São Paulo, 13/03/1984. p. 9.

24 Blat não teve ameaça de “peste-gay”. **Notícias Populares**, São Paulo, 15/03/1984. p. 9.

contaminado pela AIDS. Exceção que confirma a regra, durante os anos analisados no presente artigo, esta foi a única vez que o jornal publicou uma matéria cujo foco fosse a suspeita de que alguma pessoa, famosa ou não, tivesse sido contaminada pela doença.

Considerações Finais

A AIDS trouxe uma mudança significativa na maneira de se vivenciar a sexualidade. Com o desenrolar da epidemia, médicos infectologistas aconselhavam as pessoas a habituares-se a um único parceiro, vinculando a sexualidade à afetividade, outros chegaram a propor, como forma de combater o avanço da doença, que prostitutas e travestis fossem proibidas de exercer suas atividades (CARMO, 2011, p. 385).

É importante assinalar que o medo da AIDS não contaminou as páginas do *Notícias Populares*. Os anos de 1983 e, especialmente, 1984 assistiram ao crescimento acentuado da publicação de matérias que tinham na fruição da sexualidade o seu principal ponto de interesse. De forma inversa e acompanhando uma tendência da mídia brasileira (BARATA, 2006, p. 105), as matérias sobre AIDS no *NP* tiveram em 1983 a sua grande exposição, caindo significativamente em 1984 e voltando a crescer nos anos imediatamente posteriores.

Mesmo que em 1984 já se soubesse que a AIDS era transmitida pelo contato sexual, não se encontram advertências ou questionamentos sobre a doença nessas matérias que tinham na exploração da sexualidade seu principal mote.

Primeiramente, de forma um pouco mais indireta, a sexualidade foi utilizada pelo jornal como forma de adicionar interesse às matérias publicadas. Em relação ao embate que começava a se estabelecer na sociedade entre o pânico da doença e o prazer obtido através da sexualidade, pelo menos no biênio 1983-1984, o *Notícias Populares* concedeu a vitória a Eros diante de Thanatos.

Por sua vez, é preciso ressaltar que a cobertura realizada pelo *NP* nesses primeiros anos desde o surgimento da mais assustadora epidemia da era da comunicação causa surpresa e deve servir de baliza para se pensar as fronteiras entre o que caracteriza e diferencia um veículo de comunicação pretensamente “sério” de outro encarado como “sensacionalista”.

Essa dicotomia muitas vezes esconde outras, como as que separam arbitrariamente o erudito e o popular, a classe alta das classes baixas, o esteticamente aceitável do aberrante, sempre glorificando os primeiros em detrimento dos seus antípodas, dinâmica que nada mais faz que tentar impor valores e padrões normativos por meio da construção de um discurso que se quer tão legitimador quanto hegemônico, de forma a estigmatizar, desvalorizar, silenciar e desconsiderar o saber e a cultura de imensos contingentes “desviantes”, “minorias” que por vezes são maioria, sejam elas mulheres e/ou pobres e/ou negros e/ou homossexuais, cujas vozes temos mais dificuldade em ouvir quanto maior é a quantidade dos “e” e menor a dos “ou” que o seu timbre carrega.

Referências

- AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo um conceito errante. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-13, jul./dez. 2005.
- Angrimani Sobrinho, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. (Coleção Novas Buscas em Comunicação; v. 47). São Paulo: Summus, 1995.
- BARATA, Germana Fernandes. **A primeira década da AIDS no Brasil: o Fantástico apresenta a doença ao público (1983 a 1992)**. 2006. 196 p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BRITO, Ana Maria de. et al. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. **Revista Sociedade Brasileira Medicina Tropical**. [online]. 2001, vol.34, n.2, p. 207-217. Disponível em: <http://www.>

scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037-86822001000200010-&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 de setembro de 2018.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Entre a Luxúria e o pudor: A História do sexo no Brasil**. São Paulo: Octavo, 2011.

CARVALHO, Gustavo. **A construção social da AIDS nas campanhas brasileiras de saúde pública**. 2008. 49 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro de Educação e Ciências Humanas. Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

Cullen, Trevor. HIV/AIDS: 20 years of press coverage. **Australian Studies in Journalism**. 12, p. 64-82, 2003.

MEMÓRIA GLOBO. [s. d.]. O Portador. A narrativa abordou, com delicadeza e enfoque otimista, as dificuldades enfrentadas pelos portadores do HIV. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/minisseries/o-portador/trama-principal.htm>. Acesso em: 10 de setembro de 2018.

MS – Ministério da Saúde [s. d.]. **História da AIDS**. Portal sobre Aids, doenças sexualmente transmissíveis e hepatites virais do Departamento

de DST, Aids e Hepatites Virais. Disponível em <http://www.aids.gov.br/pt-br/centrais-de-conteudos/historia-aids-linha-do-tempo>. Acesso em: 08 de setembro de 2018.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

PINTO, Agnes Caroline et al. Compreensão da pandemia de AIDS nos últimos 25 anos. **DST: J Bras Doenças Sex. Transm.**, v. 19, n. 1, p. 45-50, 2007.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora, A AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Cia das Letras. 1988.

SVS/MS - Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde. **Relatório AIDS no Brasil do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais** [relatório na internet]. Brasília; dezembro 2012. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2014/julho/23/BE-2012-43--1--pag-8-a-10-Aids-no-Brasil.pdf> Acesso em: 10 de setembro de 2018

UNAIDS - Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS. Disponível em: <http://www.unaids.org/en> Acesso em: 31 de agosto de 2018.